

## **OS DESAFIOS DE SE FALAR SOBRE AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRO-AMERÍNDIA EM SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA.**

Cláudio Robélio da Trindade<sup>1</sup>

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – [claudiorobelio@hotmail.com](mailto:claudiorobelio@hotmail.com)

Karla Dayana Cardoso Veríssimo<sup>2</sup>

Universidade Federal de Campina Grande - UFCG – [karla.dck@outlook.com](mailto:karla.dck@outlook.com)

**RESUMO:** Falar sobre as religiões de matriz afro-ameríndia em sala de aula é um grande desafio, digamos que um tabu, tendo em vista que muitos estereótipos, preconceitos e estigmas foram construídos sobre elas. No entanto, é de suma importância desenvolver trabalhos de desconstrução de tudo isso que culmina na segregação daqueles que em um país (Brasil) considerado laico, ainda não pode praticar a religião que lhe convém livremente. Diante do exposto, pretendemos neste trabalho relatar a experiência de discussões realizadas através de oficinas temáticas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Virginius da Gama e Melo localizada no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande – PB com alunos do 1º ano do ensino médio no ano de 2016, dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Para justificar tal intento, tomamos como ponto de partida a lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos estabelecimentos escolares do país. Sendo assim, objetivamos desconstruir estigmas que permeiam práticas culturais na intenção de historicizar preconceitos e sua possível superação em torno das religiões afro-ameríndia. O projeto temático foi metodologicamente realizado em algumas etapas. A princípio, buscamos dos alunos o conhecimento prévio sobre estas religiões, ao passo em que identificávamos a existência de possíveis preconceitos e estigmas. Em seguida, iniciamos as oficinas temáticas, onde, historicizou-se sobre as religiões de matriz afro-ameríndia, especificamente o Candomblé, a Umbanda e a Jurema, abordando o sincretismo religioso evidenciando assim, o multiculturalismo presente na religiosidade brasileira, com a intenção de desmistificar pontos que se referem às práticas africanas e indígenas, expondo também atos intolerantes. Percebemos alguns resultados, a começar pela constatação de que alguns alunos declararam visões estereotipadas e estigmatizadas das religiões. No entanto, a maioria se mostrou receptiva às exposições e após a realização das oficinas, percebemos uma nova visão por parte destes alunos a respeito das religiões de matriz afro-ameríndia.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID, História, Religiões de Matriz Afro-ameríndia, Multiculturalismo, Religiosidade.

---

<sup>1</sup> Graduando em História Pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID).

<sup>2</sup> Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Bolsista pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID).

## INTRODUÇÃO

Levar para o ambiente escolar, conteúdos que tenham relação com a História e Cultura Africana e Indígena ainda pode ser considerado difícil, isso, se levarmos em consideração a falta de preparação por parte dos docentes em relação a temática, onde, muito pouco se estuda na academia, desta forma, isso vem a ser um fator preponderante para que ocorra a falta de aprofundamento nos conteúdos. Outro fator que dificulta a inserção desta temática com mais riqueza de detalhes, ao ponto de não deixar margens para preconceitos e estigmas, levando a total compreensão por parte dos alunos, é a falta de incentivo dos governantes, que não inserem nas escolas materiais didáticos apropriados para o ensino e não qualificam o corpo docente.

Se falar da História e Cultura Africana e Indígena, em um contexto geral, já é um grande desafio, quiçá, falar sobre as religiões de matriz afro-ameríndia em sala de aula em um momento onde a intolerância ganha mais força em um país onde a constituição estabelece que é laico? Por mais que seja contraditório perceber que os atos intolerantes estão indo contra ao que rege a constituição de um país, é esta a realidade, então, digamos que é um tabu levar até a sala de aula este tema, tendo em vista que a maioria da população se considera Cristã e a maioria dos casos de intolerância, a partir de estudos realizados<sup>3</sup>, indicam que estes atos intolerantes partem de uma parcela que se identificam como Cristãos. Mesmo assim, é preciso levar ao conhecimento dos alunos, questões relacionadas as religiões de matriz afro-ameríndia, para que estereótipos, preconceitos e estigmas, que foram construídos sobre elas, sejam findados, pois, ao passo em que se desenvolve trabalhos de desconstrução de tudo isso, começamos a apagar a segregação daqueles que em um país laico, lutam para praticar a sua religião livremente.

Diante disso, precisamos ter mente que a história e cultura destes que são colocados à margem da sociedade, são elementos primordiais para entender a formação histórico-social do Brasil, pois, tiveram grande participação nesta formação. Para tanto, é necessário a atuação de maneira eficaz dos docentes junto com a escola, no intuito de repassar e estimular o respeito e tolerância a diversidade tão comum em nosso país. Sendo assim, tomando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (BRASIL, 1997), um dos objetivos mais significativos que diz respeito ao ensino de

---

<sup>3</sup> Leia mais em: <<http://www.360meridianos.com/2017/03/preconceito-religioso-no-brasil-intolerancia-x-diversidade.html>> Acesso em: 26 de outubro de 2017.

História, é em relação a identidade, a partir do momento em que se tenta apagar a história e a cultura de um povo, a sua identidade também vai sendo apagada. Com isso, é preciso levar em consideração o ensino de História como pressuposto para a estruturação da noção de identidade, isso, ao longo da instauração de relações entre identidades individuais e sociais.

Este ensino também deve fazer com que o aluno se compreenda, tomando como ponto de partida suas próprias representações do tempo em que vive inserido em um grupo e também compreenda a diversidade fazendo com que seja realizada uma análise crítica de uma memória que é perpassada. Assim, discutir e direcionar a caminhos que demonstrem o quanto é necessário falar sobre este assunto em sala, é preciso, como também é preciso realizar uma análise do conhecimento dos alunos no que diz respeito as religiões de matriz afro-ameríndia.

Para tanto, queremos neste trabalho demonstrar o processo de aplicação e os resultados de uma oficina temática voltada para as religiões de matriz afro-ameríndia, através de um relato de experiência a partir discussões realizadas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Virginius da Gama e Melo localizada no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande – PB com alunos do 1º ano do ensino médio no ano de 2016, dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), propiciando a criação de uma mentalidade crítica pelos jovens dentro e fora da sala de aula, estabelecendo relações entre passado e presente, discutindo mudanças e permanências nas relações sociais e religiosas. Assim, pretendemos ampliar o conceito de cidadania, discutindo questões referentes à intolerância religiosa levando-os a compreender e valorizar as religiões de matriz afro-ameríndia, relacionando-as com as demais religiões abordando o sincretismo religioso. Para justificar a nossa proposta, tomamos como base a lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008, que torna obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos estabelecimentos escolares do país.

## **O ENSINO RELIGIOSO: APLICAÇÃO DAS LEIS 10.639/2003 E 11.645/2008 E O QUE DIZ A CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**

Sabendo que a lei 10.639/2003 e a lei 11.645/2008, tornam obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos estabelecimentos escolares do país, intentamos, ao pensar em uma oficina temática abordando as religiões

de matriz afro-ameríndia, para ser aplicada em sala de aula, desconstruir estigmas que permeiam práticas culturais na intenção de historicizar preconceitos e sua possível superação em torno das religiões afro-ameríndia. Tal proposta se enquadra no que consta no parágrafo 1º do Art 26-A da Lei nº 11.645, de 08 de março de 2008, que diz:

O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, regatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil<sup>4</sup>.

Com isso, é preciso perceber o quanto é importante o papel do professor na formação social do aluno, pois, o fato de conduzir e incorporar mudanças no currículo escolar, por parte do docente, não fácil. Veiga-Neto coloca que:

O currículo parece condenado ao desaparecimento. Para nós educadores, essa frase funciona como uma provocação. Ela é estranha e nos perturba. Afinal, se o currículo desaparecer, como se darão as práticas escolares? Como serão selecionados e organizados os conteúdos? Como serão executados os processos de ensinar e como poderá se efetivar a aprendizagem? Quais serão os novos mecanismos para o controle e a avaliação daquilo que é ensinado e (eventualmente...) aprendido? Ou será que até mesmo essas perguntas perderão a importância e o sentido que têm hoje? Afinal, pode-se pensar a educação escolar sem os nossos conhecidos processos curriculares de *planejamento* dos objetos, *seleção de conteúdos*, modos de colocar tais conteúdos em *ação* na escola e *avaliação*? (VEIGA-NETO, 2008, p. 1. Grifos do autor)

É perceptível a preocupação em torno da dificuldade em realizar mudanças no currículo para atender outras questões que aos poucos estão aparecendo. É visível o temor de que o currículo venha a ter um fim.

No entanto, em meio a tudo isso, precisamos destacar que a Constituição Federal de 1988 legisla o ensino religioso em escolas públicas no ensino fundamental (crianças de 9 aos 14 anos), deste modo, os estados tem autoridade para organizar como querem que este ensino religioso seja aplicado. Tal debate vem sendo difundido com mais veemência nos últimos anos, principalmente ao se tratar do ensino religioso confessional, onde ocorre apenas o ensino de uma dada religião, ou seja, professa a confissão daquela religião, digamos, predominante. Porém, o que se encontra na Constituição Federal de 1988, é que o ensino religioso não é obrigatório, de modo que o

---

<sup>4</sup> República Federativa Brasileira. **Diário Oficial da União**, ANO CXLV, nº 48, Seção 1. Brasília: Gráfica da imprensa nacional, 2008. p.1

aluno pode optar por não se matricular nesta disciplina, sendo preciso que a escola a substitua por atividades extras, no entanto, diante do atual cenário educacional, percebemos que tal substituição não ocorre, devido a falta de recursos, portanto, devido a isso, todos os alunos são obrigados a realizar a matrícula na disciplina de Ensino Religioso.

Diante das colocações do Ensino Religioso no Ensino Fundamental, regido pela Constituição Federal, podemos fazer uma ponte com as propostas de intervenções direcionadas ao Ensino Médio se tratando da mesma questão. Para isso, destacaremos o Ensino Religioso Confessional e vamos percebendo que se vigorar tal proposta, que de forma escusa já vigora, pois percebemos que o Ensino Religioso em muitos dos casos e em muitas escolas só ensina uma determinada religião, não será possível ensinar religiões outras; não será possível planejar oficinas e/ou propostas de intervenções, desta forma, ocorrerá a descaracterização do estado laico, que para muitos pode parecer que vai contra as religiões, porém, ao contrário disso, ele resguarda a liberdade religiosa e não vem a interferir na decisão que é individual do ser humano.

É preciso perceber que as religiões têm um papel fundamental na construção humana e nas culturas e a proposta do ensino religioso confessional, tende a apagar a religião de um povo, pois, historicamente, ao apresentar uma religião como referencial, automaticamente não é contada a história de outras religiões, isso faz com que seja apagada a memória deste povo, concomitantemente, também é apagada a identidade deste povo; não é possível ensinar de forma ampla as diversas matrizes religiosas que compõem a história do mundo e do nosso país, isso leva a proibição de trabalhos como estes sejam no ensino fundamental ou ensino médio. Desta forma, a violência vai se acentuar, pois a violência que este povo recebe no dia-a-dia, vai se tornando “aceitável” socialmente, ou até mesmo, chegará a ser naturalizada, culminando assim mais ataques e violência de cunho intolerante.

Ao apagar a religião de um povo, apaga também a sua cultura e ao apagar a sua cultura, cria-se um ambiente para que este seja violentado. As religiões de matriz afro-ameríndia ainda carregam em sua história o sofrimento, as perseguições e os preconceitos, que na maioria das vezes são professadas por aqueles que não possuem tanto conhecimento ou por aqueles que estereotipam de forma negativa, herança do que foi inserido em nosso imaginário, desta forma, é importante que a escola atue na

intenção de desmistificar toda essa visão criada para atender a uma pluralidade religiosa e estas Leis aparecem para contribuir, no entanto, não são postas em prática como deveriam. O pluralismo do ensino religioso, leva ao fortalecimento das religiões, que leva ao bem comum. Sendo assim, é preciso evitar o extremismo, que junto ao fundamentalismo, gera morte; é preciso evitar a intolerância religiosa; o racismo religioso, pois é perceptível que tudo aquilo que vem da parte da cultura negra, gera maior repulsa.

## **METODOLOGIA**

O projeto temático foi metodologicamente realizado em algumas etapas com os alunos do 1º ano do ensino médio no ano de 2016 da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Escritor Virgínius da Gama e Melo localizada no bairro das Malvinas, na cidade de Campina Grande – PB. A princípio, buscamos dos alunos o conhecimento prévio sobre estas religiões, desta forma, eles foram relatando as suas impressões e levantando questionamentos, deixando claro o seu ponto de vista, ao passo em que identificávamos a existência de “possíveis preconceitos e estigmas”. Foram levantados questionamentos como: quais religiões de matriz afro-ameríndia conheciam? O que estas religiões cultuam? Qual a significância destas religiões? Dentre outros questionamentos relacionados a temática abordada. Verificamos dentro destes questionamentos, respostas de cunho preconceituoso, como a correlação das religiões de matriz afro-ameríndia com cultos demoníacos e no que diz respeito a “cura” de doenças praticadas em terreiros, que foram relacionadas a feitiçaria e magia negra. Isso nos fez perceber o quão frágil é o conhecimento por parte dos alunos em relação a estas questões religiosas, e também, nos fez entender que tal falta de conhecimento, é devido a não aplicação efetiva do que determina a leis 10639/03 e 11.645/08.

Em seguida, iniciamos as oficinas temáticas, levando para distribuir com os alunos um material (folder) que continha algumas informações sobre o que seria abordado na oficina. Historicizou-se sobre as religiões de matriz afro-ameríndia, especificamente o Candomblé, a Umbanda e a Jurema, abordando o sincretismo religioso, através da utilização de imagens de Orixás e Santos Católicos, pois sabemos que o catolicismo influenciou muito estas religiões e em alguns momentos da história com mais intensidade. Como exemplo os africanos escravizados quando vieram ao

Brasil ao se depararem com o catolicismo no seu auge, com imposições, os levou a mascarar as suas origens, como descreve Souza:

Uma colônia escravista estava pois fadada ao sincretismo religioso. Outorgado, talvez, num primeiro momento, pela camada dominante, o sincretismo afro-católico dos escravos foi uma realidade que se fundiu com a preservação dos próprios ritos e mitos das primitivas religiões africanas. Cultuava-se São Sebastião, mas cultuava-se também Ogum, e batiam-se atabaques nos calundus da colônia: nas estruturas sociais que lhes foram impostas, os negros, através da religião, procuraram “nichos” em que pudessem desenvolver integralmente suas manifestações religiosas. (SOUZA, 1986, p. 93-94)

Desta forma, pretendemos evidenciar o multiculturalismo presente na religiosidade brasileira, devido a hibridação cultural, com a intenção de desmistificar pontos que se referem às práticas africanas e indígenas, expondo também atos intolerantes.

Através de reportagens retiradas da internet expomos casos de ataques aos terreiros de Candomblé, Umbanda e Jurema, que foram danificados após apedrejamento e incêndios, isso em todo o Brasil, destacando os ataques que ocorreram no estado da Paraíba e também na cidade de Campina Grande; mostramos reportagens que tratam sobre ataques intolerantes a pessoas destas religiões, que foram brutalmente agredidas e perseguidas ao ponto de chegar ao óbito. O debate final girou em tornos desta exposição.

## **ANALISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

As discussões levantadas giraram em torno das religiões de matriz afro-ameríndia no contexto escolar, onde, nos pautando das leis 10.639/2003 e 11.645/2008, introduzimos este debate em uma turma do ensino médio, que a princípio demonstrou resistência em aceitar a exposição deste tema, tendo em vista a falta de conhecimento acerca da temática, no entanto, mesmo com esta resistência por parte de alguns, foi possível desenvolver a atividade proposta e observar alguns resultados significativos durante e ao final da exposição.

Percebemos alguns resultados, a começar pela constatação de que alguns alunos declararam visões estereotipadas e estigmatizadas das religiões apresentadas na oficina, comparando-as a cultos demoníacos e aos rituais de magia negra. No entanto, a maioria se mostrou receptiva às exposições e após a realização das oficinas, percebemos uma

nova visão por parte destes alunos a respeito das religiões de matriz afro-ameríndia. A nossa maior preocupação foi tentar mostrar que as religiões fazem parte da memória cultural e principalmente do desenvolvimento das sociedades e o que se ensina sobre as religiões, não deve ser feita para defesa de uma em detrimento de outras, mas sim, visar um discurso centralizando os princípios, valores e principalmente diferenças de cada uma, levando sempre em consideração a compreensão do outros.

Sendo assim, é preciso ficar atento a posição da escola, pois, como este espaço é democrático e diverso, não deve ter uma preferência a uma religião ou outra, e, as abordagens sobre as religiões de matriz afro-ameríndia, devem ser direcionadas a esclarecimentos sobre a sua importância na cultura brasileira, bem como levar ao combate de preconceitos e racismos contra a população e cultura afro-ameríndia.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Propomos-nos neste trabalho verificar o conhecimento que os discentes tinham em relação as religiões de matriz afro-ameríndia, bem como demonstramos que é importante levar até a sala de aula para se discutir, temáticas como esta, de modo que ocorra a compreensão da diversidade religiosa presente em nosso país, que como rege a Constituição Federal, é laico, ao passo em que informamos que é de suma importância o respeito no meio educacional e social. Pois, realizamos comparações com as demais religiões, através de alguns exemplos cotidianos de cultos e rituais, para melhor fixação do que estava sendo apresentado, onde, ao conhecermos o lugar que estamos e o lugar do outro, relacionando a fé e as crenças, passamos a produzir um sentido de proporção no meio religioso, onde todos passam a ter vez e voz com total respeito.

Ao apresentarmos as leis que tornam obrigatório o ensino da História da África e Cultura Afro-brasileira e Indígena nos estabelecimentos escolares do país, inserimos um ponto a mais no conhecimento que os alunos devem adquirir na sua formação, pois, eles passaram a entender que é importante e preciso trabalhar estas questões em sala de aula e que para chegar até aí, muito se lutou, principalmente por parte de movimentos e pessoas que demonstraram e demonstram apoio aos Africanos e Indígenas.

Sendo assim, é importante que ocorra uma fiscalização e efetivação, principalmente por parte do corpo docente, no que tange ao acréscimo nos planos de



aula, conteúdos relacionados a esta temática, que não foge da obrigatoriedade imposta pelas leis que há um bom tempo foi sancionada, mas, não vem sendo efetivada como deveria; não existe uma valorização das especificidades culturais afro-ameríndias. É importante que ocorra uma boa formação do docente para se tenha um bom desempenho da educação, não apenas ao que diz respeito às temáticas contidas na grade curricular, mas também, ao que possa surgir no decorrer das aulas. Com isso, ao nos referir as questões étnico-raciais, é importante considerar como um objeto de estudo e de ensino que necessita obrigatoriamente de muito aprofundamento e cautela, pois, caso o professor não esteja preparado para lidar com questões como estas, pode chegar a dar motivos a posturas de cunho racista e preconceituoso.

## **REFERÊNCIAS**

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas** - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

SILVA, Ana Célia da. **A Representação Social do Negro no Livro Didático: o que mudou? Por que mudou?** EDUFBA. Salvador, 2011.

Título: **A relação da Igreja Católica com as religiões afro-brasileiras** anotações sobre uma dinâmica. Prof. Dr. Volney José Berkenbrock. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2012.

SOUZA, L. de M. e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Título: **Estudos de Mitologia Afro-Brasileira: orixás e cosmovisão negra** – USP anagrama@usp.br. Estudos de Mitologia Afro-Brasileira: orixás e cosmovisão negra contra a intolerância e o preconceito. 1. Alexandre de Oliveira Fernandes 2. Kátia Caroline Souza Ferreira.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Currículo e cotidiano escolar:** novos desafios. Apresentado e discutido no Simpósio Diálogo sobre Diálogos, na Universidade Federal Fluminense (UFF), em março de 2008.